

Boletim Especial
Museu Histórico
de Londrina

29

Especial "Estudos
patrimoniais Elisa Zanon"



PREFEITURA DE
LONDRINA

Secretaria Municipal de
Cultura

Universidade Estadual de Londrina
Museu Histórico de Londrina

Boletim Especial
Museu Histórico
de Londrina

29



Reitora

Prof^ª. Dr^ª. Marta Regina Gimenez Favaro

Vice-reitor

Prof. Dr. Airton José Petris

Diretora Acadêmica do MHL

Prof^ª Dr^ª Edméia Ribeiro

Coordenação Geral

Prof^ª Dr^ª Edméia Ribeiro

Editora

Prof^ª Dr^ª Edméia Ribeiro

Comissão Executiva

Edeni Ramos Vilela
Amauri Ramos da Silva

ASAM - Presidência

Ana Rosa Lunardelli

Editoração

Marina dos Santos Galli

Fonte

NT Valentino
Arial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina.
Museu Histórico de Londrina. — Londrina - PR : Universidade Estadual de
Londrina, v.1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina — História. 3. Universidade Estadual
de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

SUMÁRIO

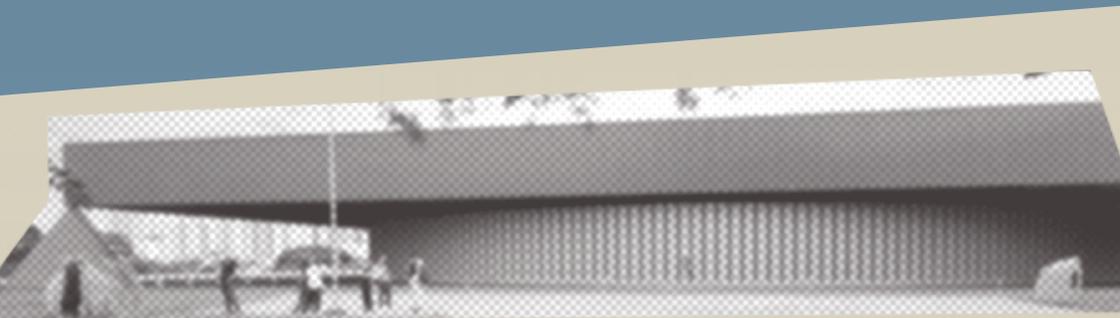
APRESENTAÇÃO	5
1. INTRODUÇÃO	8
2. CONTEXTO	11
3. ASPECTOS FÍSICOS	15
3.1 Modificações e estado atual	23
4. CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31
5 ASAM	33
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO	34
EQUIPE DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA	35
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA	36

Ginásio

de Esportes

Professor

Darci Côrtes



APRESENTAÇÃO

O MORINGÃO E A PERMANÊNCIA DO NOVO

É sabido que a maioria das cidades brasileiras nasceu e floresceu no século 20, decorrência da crescente urbanização vivida pelo país, especialmente a partir dos anos 1950. Esse quadro adquire cores ainda mais vivas em se tratando da porção norte do Paraná, colonizada por empresas de capital privado, atraídas pela expansão da lavoura cafeeira.

Nessa constelação de cidades, interligadas por vias onde circulavam pessoas e produtos agrícolas, Londrina ocupa posição de destaque. A “Pequena Londres”, como a chamavam há quase cem anos, nasceu sob a efígie do progresso. A busca incessante por uma imagem de prosperidade acompanha o desenvolvimento da cidade desde seus primeiros tempos.

O ritmo frenético de seu crescimento impressiona: mesmo para os padrões brasileiros, acostumados a mudanças rápidas de um país jovem, não se vê tamanha velocidade de transformação da fisionomia como ocorreu na “Capital Mundial do Café”. Em menos de vinte anos, Londrina saiu de povoado construído em madeira – obtida pela derrubada da mata que deu lugar aos cafeeiros – para a cidade de ares metropolitanos em concreto armado.

Tal fenômeno, contudo, não se deu sem consequências: perseguir a imagem do progresso significou não raro substituir a materialidade existente por outra, supostamente mais adequada aos desejos de atualização e novidade. No âmbito da arquitetura, as primeiras sacrificadas foram as construções em madeira, rapidamente trocadas pelos exemplares em alvenaria e, logo a seguir, pelas estruturas em concreto. Os poucos e combalidos remanescentes são testemunhas de um tempo de colonização tão distante, mas, ao mesmo tempo e paradoxalmente, tão recente.

Em Londrina, as noções de novo e antigo se amalgamam e se dão mais pelo julgamento de seus cidadãos do que propriamente pelo senso cronológico. A rigor, tudo em Londrina é recente, nessa cidade jovem onde as espessuras das camadas históricas são estreitas e se superpõem frequentemente.

A necessidade de preservação de bens arquitetônicos e urbanísticos é quase consenso quando se trata de construções puídas, carcomidas, sentimento assimilado dos modelos europeus, que remontam muitas vezes a séculos de existência.

A transposição direta para um cenário de cidade nova e brasileira, entretanto, demonstra-se inconveniente, quando não descabida.

Há que se admitir a existência do nó conceitual sobre a preservação da arquitetura recente, questão incômoda não apenas no Brasil. É uma discussão

mundial. Organizações internacionais como o *Docomomo International* (DOCOMOMO), fundado na Holanda em 1988, dedicam-se a intensificar sua problematização em vários países. O *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS) tem empreendido esforços no sentido da ampliação do conceito de patrimônio, não apenas sobre os bens culturais, como também expandindo o rol de valores a serem considerados fundamentais para sua salvaguarda.

Em se tratando de arquitetura moderna e sua preservação, há a evidente dificuldade de reconhecimento de que suas obras sejam dignas de proteção, posto que recentes e, muitas vezes, ainda em uso.

É este o caso do tema desta publicação, dedicada ao Ginásio de Esportes Professor Darci Côrtes, mais conhecido por Ginásio Moringão, inaugurado em 1972. É um dos mais emblemáticos projetos da década de 1970 em Londrina.

Certamente não há qualquer londrinense maior de idade que não conheça o Moringão, seja como usuário ou, ao menos, o reconheça como marco urbano. Localizado na porção expandida do centro de Londrina, foi à época um dos vetores que direcionou o crescimento da cidade. Sua presença incentivou a posterior consolidação da área de lazer Luigi Borghese, que hoje se conhece como Zerão, espaço muito frequentado pelos cidadãos para a prática esportiva. O local era então apenas um fundo de vale não urbanizado. Juntos, o Moringão, o anfiteatro – projetado em 1988 por Luiz Cezar da Silva – e o Zerão formam o conjunto urbano mais tradicional de Londrina voltado ao lazer, à cultura e ao esporte.

O arquiteto Léo de Judá Barbosa, autor do projeto, é um dos nomes mais importantes da história da arquitetura londrinense. Com Luiz Cezar da Silva, Ivan Jekoff e Carlos Sergio Bopp, entre outros, formam o primeiro time de profissionais que, graduados fora de Londrina, aqui se radicaram e construíram sólida e duradoura carreira profissional¹.

Como construção, o Moringão assinala a entrada dos sistemas industrializados na cidade, com sua grande treliça espacial da cobertura. Juntamente com a Catedral Metropolitana (1968-1972), são símbolos da inovação construtiva que aportava em Londrina. Estruturas metálicas do porte das utilizadas na Catedral e no Moringão eram incomuns para o Brasil da década de 1970.

A Pequena Londres seguia diligente em demonstrar que estava atualizada em termos de construção.

O Moringão introduziu esteticamente um padrão que se tornou frequente em importantes cidades no decorrer do Brasil dos anos 1970 e 1980, com a utilização de treliças metálicas para vencer os grandes vãos necessários às atividades que acolhe. Outra identidade do edifício reside nas quatro pirâmides

1 SUZUKI, Juliana H. *Idealizações de Modernidade: Arquitetura do Edifícios Verticais em Londrina 1949-1969*. Londrina: KAN, 2013.

nos vértices da cobertura – forma poliédrica que mais tarde se consagrou na renovação do Museu do Louvre de Paris –, que não possuem função estrutural, mas acalmam o olhar dos londrinenses, compensando com seu peso visual a leveza da cobertura.

Já mencionamos que não há londrinense que não conheça o Moringão: para os mais velhos, foi palco de eventos esportivos, formaturas, shows. Um uso tão intenso foi não isento de problemas, causados por tempestades, naturais e políticas. De todo modo, permanece, há mais de meio século, como importante equipamento desportivo e cultural para Londrina.

Tentativas recentes almejaram seu tombamento em esfera estadual, sem êxito. A justificativa do indeferimento tocava, entre outros motivos, na ausência da “singularidade estética”. Novamente, estamos diante da defasagem e do paradoxo de critérios da preservação de bens culturais recentes, construídos com técnicas industriais, reprodutíveis em função e materialidade – que são os fundamentos da arquitetura do século 20, moderna: a estética industrial.

Isso os tornaria menos importantes?

O trabalho dos autores recompõe minuciosamente a trajetória do ginásio, com pormenores técnicos e documentais, reforçando a necessidade de proteção deste que é, para além de equipamento desportivo e cultural, também símbolo de desenvolvimento de um Brasil do Milagre Econômico em cidades do interior.

Ainda que sem o benefício do tombamento em nível estadual, interessa o reconhecimento de sua relevância cidadã, como parte da história da cidade, seja no aspecto técnico e construtivo, arquitetônico e, sobretudo, como portador de memórias tão caras aos londrinenses. Ou seja, importa aqui também a significância cultural do edifício, junto de seus atributos materiais ou estéticos, dimensões que se cruzam na cidadania.

O Moringão é parte da memória coletiva e afetiva de Londrina. Parafraseando um texto de Hugo Segawa², sobre Londrina: antes cedo, do que nunca, preservemos o Moringão!

Juliana Suzuki³

2 SEGAWA, Hugo. Antes Cedo do Que Nunca. In: SUZUKI, Juliana H. *Idealizações de Modernidade: Arquitetura do Edifícios Verticais em Londrina 1949-1969*. Londrina: KAN, 2013.

3 Arquiteta e Urbanista, mestre e doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Professora associada do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora colaboradora do Programa Associado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual de Londrina (UEL).

1. INTRODUÇÃO

Este Boletim faz parte do trabalho realizado pelo projeto “Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural em Londrina: estudos de bens culturais”¹ que tem como objetivo o desenvolvimento de estudos técnicos de 10 bens de interesse cultural para a cidade de Londrina-PR. Esses estudos irão subsidiar a análise e o processo de Tombamento ou de Listagem de Bens de Interesse de Preservação em nível municipal. O projeto foi financiado pelo Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Artístico Histórico-Cultural de Londrina-PR e tem como proponente a ASAM — Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina.

O instrumento de preservação do Tombamento está presente no Brasil desde 1937 com a criação do SPHAN (atualmente IPHAN — Instituto do Patrimônio Histórico-Artístico Nacional), órgão responsável pela preservação dos bens de interesse patrimonial da nação brasileira. Desde a sua criação, os bens tombados a nível federal são inscritos em livros do tomo e podem estar em um ou mais livros, a depender de suas características e valores patrimoniais.

Existem quatro livros do tomo no IPHAN: o primeiro — Livro do Tombo das Belas Artes — abrange obras que apresentam uma acentuada qualidade artística, muitas vezes reconhecidas como arte acadêmica; o segundo — Livro do Tombo Histórico — apresenta obras que estão vinculadas a momentos históricos importantes da nação; o terceiro — Livro do Tombo das Artes Aplicadas — tem um objetivo próximo ao livro das belas-artes, ligada ao interesse artístico, mas desta vez associada a função utilitária; por fim, o quarto — Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico — engloba obras referenciais em aspectos arqueológicos e paisagísticos, como praças e bosques, e etnográfico, como representação de etnias importantes, como terreiros de Candomblé. Em 2011 a antiga Rodoviária de Londrina, hoje Museu de Arte, foi tombado a nível federal no livro de Belas Artes. Posteriormente, em 2003, foi instituído federalmente o instrumento de preservação do Registro para Bens Imateriais, com a criação de quatro livros do registro: Saberes, Formas de Expressão, Celebração e Lugares

¹ Os integrantes do projeto e autores do Estudo Técnico são: Coordenador do Projeto: Arq. Ms. Carla de Barros Caires Greve; Pesquisadora na área de Arquitetura: Amábil Lúcio Campos; Pesquisadora na área de História: Ms. Pamela Wanessa Godoi; Auxiliares de Pesquisa: Douglas Keidy Marins Abe (Arq.), Ms. Gabriela Oliveira Wedekin (Arq.), Ingrid Batista Marques (História), Wilson de Creddo Maestro (História) e a Arquiteta e Urbanista Ms. Elisa Zanon representando o COMPAC.

No Estado do Paraná, o órgão responsável pela salvaguarda dos bens de interesse patrimonial é a Coordenação do Patrimônio Cultural do Paraná, ligado à Secretaria da Comunicação Social e da Cultura e um dos principais instrumentos de preservação utilizados para a salvaguarda dos bens materiais é o Tombamento. Os bens tombados são agrupados similarmente em quatro livros do tomo, com os mesmos nomes e funções dos livros do IPHAN. Em Londrina há quatro bens tombados em nível estadual, a saber: o Teatro Ouro Verde, a Antiga Rodoviária, a Praça Rocha Pombo e a Mansão Garcia.

Em relação à esfera municipal, a Lei de Preservação foi criada no ano de 2011 e apresenta dois instrumentos principais de preservação: Tombamento e Listagem de Bens de Interesse de Preservação. Os bens materiais podem ser preservados nos dois instrumentos, enquanto os bens imateriais apenas na Listagem de Bens de Interesse de Preservação. A lei não estipula a criação de quatro livros do tomo, mas o julgamento dos valores das obras está muitas vezes presente na solicitação do tombamento do bem, encaminhado para a Secretaria de Cultura com o dossiê de estudos do bem e no parecer realizado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina (COMPAC), no caso de o processo ser deferido.

O primeiro tombamento em nível municipal foi do edifício conhecido como antiga Casa da Criança e atual Secretaria de Cultura, realizado em 2016. No mesmo ano, a expressão “pé-vermelho” se tornou o primeiro bem imaterial inserido na Listagem de Bens de Interesse de preservação. O segundo bem tombado foi o edifício do Antigo Fórum, atual Biblioteca Municipal, em 2020.

Esta série de estudos técnicos visa embasar os próximos pareceres de encaminhamento, seja para tombamento ou inserção na Listagem de Bens de Interesse de Preservação. O conjunto de bens analisados neste projeto envolve bens materiais imóveis, como edifícios e conjuntos urbanos, e móveis, como meios de transporte, além de bens imateriais, como forma de expressão e lugar.

Infelizmente, durante o processo de trabalho do Projeto houve a perda prematura da arquiteta e professora Elisa Zanon, que fará imensa falta, mas deixa um legado de inspiração e gentileza. A partir do segundo estudo, as publicações ganharam seu nome, como homenagem pelo esforço e dedicação ao campo do Patrimônio de Londrina.

O quinto estudo técnico realizado, o qual este boletim contempla, trata-se de um bem de interesse patrimonial material e imóvel: o Ginásio de Esportes Professor Darci Côrtes — popularmente conhecido como Moringão — o qual buscou-se compreender seus valores para o

município de Londrina-PR e suas características físicas principais que identificam sua “essência” e “caráter”.

Os Estudos foram baseados nas informações contidas na solicitação de Tombamento, bibliografia disponível, levantamento iconográfico, audiovisual e documental, entrevistas e levantamentos de campo. As propostas de salvaguarda e diretrizes de preservação contidas nos estudos técnicos completos dos bens, são recomendações iniciais que podem sofrer alterações pelo Conselho de Patrimônio Artístico Histórico-Cultural de Londrina (COMPAC) no Parecer Oficial e Final de Tombamento do bem.

Para acessar o estudo técnico completo, clique [AQUI](#).

2. CONTEXTO

Desde sua inauguração até os dias atuais, os usos praticados no Ginásio de Esportes Professor Darci Côrtes– Moringão, impactam o cenário esportivo, cultural e social da cidade. Além de eventos esportivos diversos que contemplam diferentes modalidades, ali são realizadas as tradicionais formaturas da Universidade Estadual de Londrina e de outras universidades da cidade, shows e eventos culturais variados. Além disso, o Ginásio é a sede administrativa da FEL (Fundação de Esportes de Londrina), que funciona no bloco de serviço. Dessa forma, é um equipamento urbano que se fez e faz presente na vida de diversas pessoas e, por isso, pode ser tido como um símbolo londrinense (Fig. 1).

Figura 1– Ginásio de Esportes Professor Darci Côrtes– Moringão.



Fonte: Os autores (2023).

O contexto de construção do Ginásio de Esportes Professor Darci Côrtes (Moringão) está vinculado ao processo de êxodo rural, que se deu ao longo da década de 1970 em Londrina, como também em nível

nacional. Arias Neto (1998, p.246) explica que:

[...] a expulsão da mão-de-obra do campo— decorrente, por um lado, da crise da cafeicultura e da implantação de culturas que se beneficiaram com a crescente mecanização da agricultura ao longo dos anos sessenta e, por outro, de uma violenta concentração da propriedade rural— provocou um êxodo rural sem precedente.

Dessa forma, o aumento de moradores na cidade gerou uma demanda por novas habitações, equipamentos públicos e infraestrutura urbana, além de exigir medidas que regulamentassem a organização e expansão da cidade. Em resposta a essa necessidade, foi desenvolvido o Plano Diretor de 1968 (Londrina, 1968), elaborado pela empresa ASPLAN S/A a partir de diagnósticos urbanos realizados anos antes pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo. Em relação à equipamentos esportivos, o Plano traz em suas proposições básicas que:

Os fundos de vale serão destinados para uso viário e como áreas verdes. Grandes áreas para uso recreativo foram reservadas às margens do Igapó onde se propõe localizar o Centro Cultural-Recreativo Regional. Foi previsto também um Centro Esportivo Regional nas proximidades do Hipódromo (Londrina, 1968, p. 17).

A região mencionada, próxima ao Hipódromo, não apresentava grande área urbana consolidada, o que possibilitava a implantação de tal centro esportivo. No entanto, o projeto não chegou a ser realizado, e o local escolhido para a implantação do novo Ginásio passou a ser nas proximidades do quadrilátero central do Plano Inicial (1932) da cidade, em uma região de chácaras conhecida como Campo do Ipiranga (Godoy, 2001). Além disso, o terreno no qual o Moringão foi construído era propriedade da família Resende, que na época pediu uma indenização de 300 milhões de cruzeiros novos (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 32).

Para adquirir o terreno, o município recebeu auxílio estadual, o que fez com que a área passasse a pertencer ao estado (Pedriali, 2008, p. 137). A situação só foi regularizada em 2017, quando, a partir de um projeto de lei, o governo estadual doou o terreno para o município (Estado [...], 2017). Com relação à mudança de terreno e à doação do mesmo, não foram encontrados documentos que oficializassem essa doação e nem o motivo pelo qual o Ginásio não foi construído na área indicada pelo Plano Diretor de 1968. Fato é que, mesmo pertencendo ao estado, os esforços para a construção foram do município.

Tal protagonismo do poder municipal na construção do Ginásio é representado pela figura do então prefeito Dalton Fonseca Paranaguá.

Nascido em Piauí e formado em medicina, Dalton veio para Londrina em 1955, para atuar no Hospital Evangélico. Em 1966, ocupou o cargo de Secretário de Saúde do governo de Paulo Pimentel, posição que o fez realizar grandes contribuições para a saúde pública do estado (Pedriali, 2008). Seu protagonismo enquanto secretário resultou no convite do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) para lançar sua candidatura como prefeito de Londrina.

A campanha foi marcada por polêmicas e transmitida pela primeira vez em programas de TV, nos quais Paranaguá exibia uma postura calma e bem-humorada em suas falas marcantes, relatadas por José Antônio Pedriali, escritor de sua bibliografia. De acordo com Pedriali (2008, p.75): “O então candidato dizia ter a ‘moringa fresca’ diante dos ataques dos concorrentes, sinalizando não se preocupar com as provocações” (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 25-26). A expressão ficou marcada de tal forma que se transformou no nome da “obra faraônica” de sua gestão: o Ginásio Moringão.

Um fato importante é que, quando da sua inauguração (Fig. 2), o complexo esportivo não possuía nome “oficial”, mas já era popularmente conhecido como Moringão: “o povo consagra, os nomes, usos e costumes” (Viegas, 1972). O nome atual só foi promulgado seis anos após sua inauguração, através da Lei n.º 2.909/1978, homenageando o Prof. Darci Côrtes, figura notável no cenário desportivo da cidade que havia falecido no ano anterior. Côrtes foi professor e técnico de diversos times, responsável por organizar torneios, além de ter ocupado o cargo de Diretor do Departamento de Basquetebol na atual Fundação de Esportes de Londrina (FEL) (Loredó, 2023). Apesar da justa homenagem, o nome Moringão já estava incutido no imaginário popular que envolvia o grandioso Ginásio.

Figura 2- Inauguração do Moringão.



Fonte: Coleção PML. Acervo MHL (2023).

3. ASPECTOS FÍSICOS

Em 12 de dezembro de 1969 a construção do Ginásio foi iniciada, com previsão de entrega de dois anos. No entanto, a obra se estendeu até 1972, com atrasos causados por interferências políticas que dificultaram a aquisição de materiais de construção, por exemplo, visto que, para a oposição de Dalton Paranguá, não era interessante que a obra fosse entregue naquela gestão (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 26).

O projeto do Ginásio foi assinado pelo arquiteto Léo de Judá, além dos engenheiros Rudolfo Horner, Benjamin Sesti e José Maria Vasconcelos (Pedriali, 2008, p. 136). Léo de Judá Barbosa era belo-horizontino, formado pela Escola de Arquitetura de Minas Gerais (atual UFMG). Chegou em Londrina em 1969 e ocupou o cargo de Secretário de Obras (1969-1973) e de Diretor de Planejamento da Secretaria de Obras e Viação (1977-1982 e 1989-1992). Nesses cargos, desempenhou um papel importante na estruturação urbana daquela época, além de articular a vinda de Burle Marx e Oscar Niemeyer, que elaboraram projetos para a cidade (Godoy, 2021).

Ademais, além do Ginásio Moringão, assinou obras em Londrina como a Associação Odontológica Norte do Paraná (AONP) (1971), a Clínica Feminina de Ginecologia e Obstetrícia (1973), a Clínica de Endocrinologia e Nutrição (1977), e a Farmácia Vale Verde (1984). Em todas essas obras destaca-se as referências brutalistas, movimento derivado do Modernismo e que tinha como característica principal o uso de materiais em seu estado bruto.

Com relação ao estilo brutalista e ao brutalismo paulista, Juliana Suzuki comenta que: “No caso de Londrina, são claras as influências arquitetônicas paulistas desde os primeiros anos de sua fundação. (...) De uma maneira geral, a relação com São Paulo ou com grandes capitais regionais é recorrente, seja por origem ou formação acadêmica” (Suzuki, 2013, p. 12). E conclui que “As obras brutalistas em Londrina afiliam-se mais aos aspectos formais que aos seus valores éticos e conceituais. São representações de um estilo brutalista.” (Suzuki, 2013, p. 12).

De volta a obra mais emblemática de Léo de Judá para a cidade, ao observar como as reportagens acerca da inauguração do Ginásio foram construídas na época, e também as imagens veiculadas, é possível notar que o evento foi cercado por expectativas, da mídia e de toda a população, reforçando o marco do Moringão na história londrinense. Destaca-se, por exemplo, um trecho da reportagem “É hoje a inauguração”, de 6 de

outubro de 1972:

“Mesmo quem não gosta de futebol de salão pode comparecer ao Moringão apenas para conhecer a obra, e não vai se arrepender, porque a praça de esportes é realmente um ‘negócio muito sério’. De uma beleza arquitetônica de empolgar, o Moringão possui dependências que deixam qualquer um de queixo caído” (É hoje [...], 1972).

Outro exemplo é a matéria “Moringão é um gigante mesmo”, publicada na Folha de Londrina em 7 de outubro de 1972, que narra a reação do público que compareceu ao evento:

Quem entrou no Moringão pela primeira vez, sofreu um impacto ao passar pela roleta, pois não acreditava que sob aquele quadrado de alumínio iria encontrar um ginásio de esportes tão majestoso. [...] E por todos os cantos ouvia-se exclamações de espanto, como foi o caso de um rapaz que ficou mirando o jardimzinho anexo a um dos bares e, ao virar-se, dirigiu-se a um outro que estava as suas costas: ‘O meu! Dê um beliscão aí no meu braço, que quero ver se não estou sonhando...!’ (Moringão [...] 1972c).

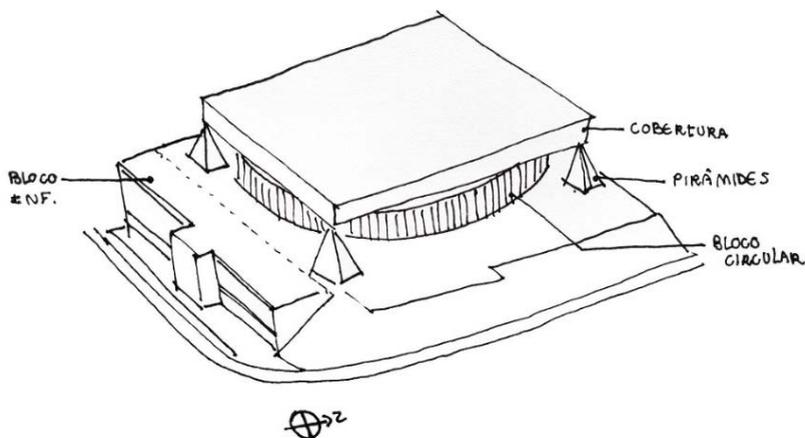
A expectativa não era infundada: foram quase quatro anos de construção, mais de mil pessoas trabalhando, além de exorbitantes quantidades de materiais e valores financeiros empregados na realização de uma obra de tal porte. Não foram encontrados documentos e desenhos técnicos acerca do projeto original, no entanto o programa do complexo esportivo foi descrito em uma reportagem “MORINGÃO, sonho realizado” (Viegas, 1972) (Fig. 3):

Conforme o texto, quando inaugurado, o edifício anexo de 2.520 m² contava com o seguinte programa: no pavimento térreo, túnel de comunicação com a quadra; 4 vestiários; sala sede da Autarquia Municipal de Esportes; rol de serviço e sala de som. O 1º pavimento era composto por área de alojamento dividida em 12 salas que comportavam até 180 pessoas, com sala de estar e banheiro privativo. O 2º e último pavimento, interligado à arquibancada, contava com bares, 2 sanitários femininos e 2 sanitários masculinos; cabine de transformadores e local de descanso. Eram 88 bacias sanitárias no total.

No complexo esportivo de 7.056 m², além da cancha poliesportiva, havia a arquibancada de concreto escalonada para abrigar, à época, até 12 mil pessoas sentadas; sala de som; tribunas de honra e imprensa com 200 lugares; 1 cabine de imprensa escrita, 8 para rádio e 2 para televisão; oito bilheterias; 18 portões de acesso; além de um mirante na área externa. (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 106).

A obra apresenta dois volumes, o bloco esportivo e o bloco de serviço (Fig. 4 e 5); o primeiro, possui um formato circular graças ao seu fechamento de peças pré-moldadas de concreto, enquanto sua cobertura metálica é quadrada, com 84x84 metros. Um elemento importante são as quatro pirâmides de concreto inseridas em cada um dos vértices da cobertura; essas não possuem função estrutural, visto que estão soltas da estrutura metálica que por sua vez possibilita o balanço da cobertura, no entanto, foram implantadas para dar a sensação de segurança ao olhar. O acesso ao bloco esportivo dá para a cota mais alta da arquibancada, de forma que a cancha esportiva está semi enterrada no terreno.

Figura 4- Esquema dos Volumes.



Fonte: Os autores (2023).

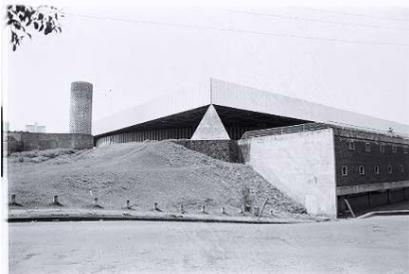
Figura 6– Foto aérea panorâmica que mostra o espaço onde hoje é o Zerão sendo modificado.



Fonte: Fernandes (2022).

Com relação aos materiais empregados, destaca-se principalmente o concreto utilizado na estrutura, arquibancada e vedação–, a estrutura metálica da cobertura do bloco esportivo, elementos cerâmicos–utilizados na laje e nos cobogós (elementos vazados) da fachada do bloco de serviço e também na bilheteria do bloco esportivo–, além da pedra ciclópica dos muros de arrimo entre os dois blocos. Quando inaugurado, todos esses elementos estavam em seu estado “bruto”, isto é, sem pinturas ou revestimentos, indicando assim as características de um estilo brutalista presente na obra (Fig. 7).

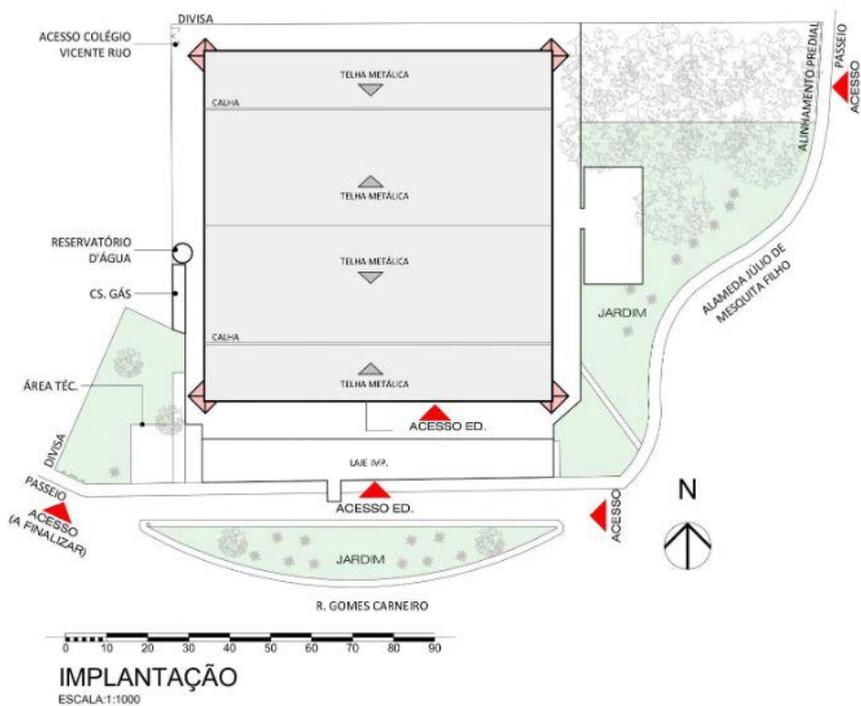
Figuras 7- Vistas do edifício a partir das ruas do entorno 1. aprox. rua Gomes Carneiro x Rua Sena Martins, 2. Av. Bandeirantes, 3. aprox. Alameda Júlio de Mesquita Filho e 4. Av. Juscelino Kubitschek.



Fonte: Coleção PML. Acervo MHL (2023).

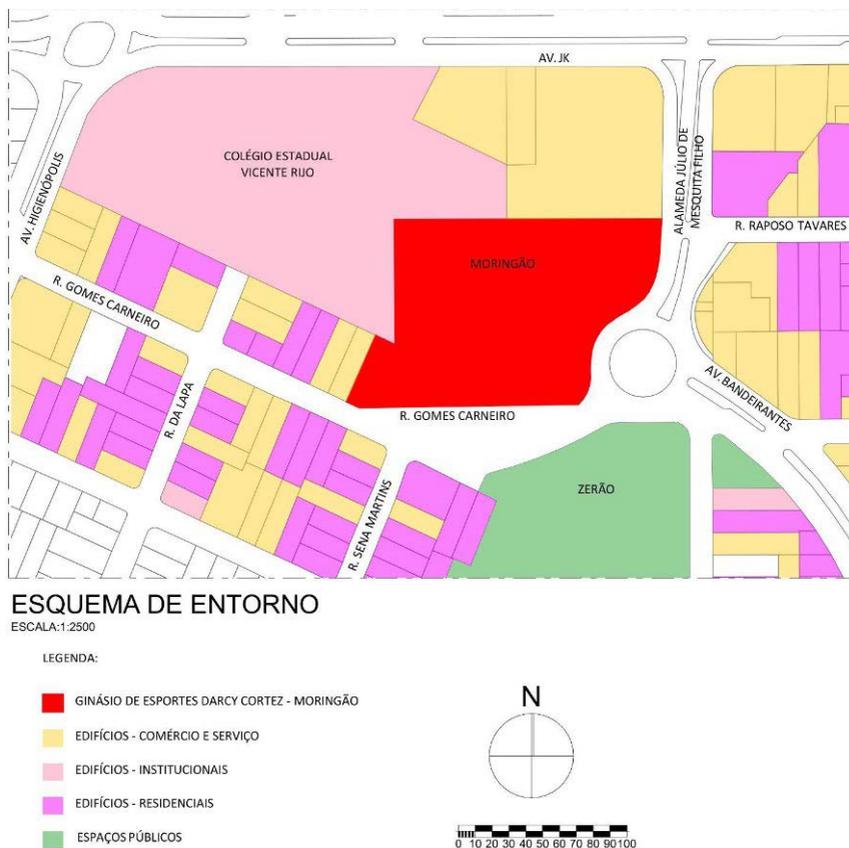
Por ser uma construção de grande porte, sua presença não passa despercebida na paisagem urbana, além de se correlacionar com elementos do entorno. Pode-se citar por exemplo, o Colégio Estadual Vicente Rijo, que possui uma passagem direta para o lote do Ginásio; a Área de Lazer Luigi Borghesi, conhecida como Zerão, da qual destaca-se seu anfiteatro e sua implantação em um antigo fundo de vale, além do supermercado Muffato, que está implantado em um lote limítrofe ao Moringão (Fig. 8). Além disso, a área na qual se insere o Ginásio é predominantemente residencial e está próxima a vias importantes da cidade como as avenidas Higienópolis, Juscelino Kubitschek e Bandeirantes (Fig. 9).

Figura 8- Via particular voltada à rua Gomes Carneiro.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 9- Mapa de Entorno.



Fonte: Os autores (2023).

3.1. Modificações e estado atual

As modificações físicas realizadas ao longo dos anos estão descritas com detalhes no estudo técnico completo. De forma breve e com base nos documentos presentes no setor de Cadastro Imobiliário Municipal, podemos citar:

1992 – Apresentado projeto de renovação do piso (sem confirmação da

execução).

1995 – Não foram encontrados documentos acerca das modificações ocorridas neste ano, no entanto o autor Antonio Castelnuovo (2002, p. 253) afirma que:

“Em 1995, na gestão de Luís Eduardo Cheida, o Moringão sofreu processo de restauração, através da sua pintura e melhoria de instalações. As novas e vivas cores diminuíram a austeridade do projeto original, substituindo os materiais aparentes e sua ênfase essencialmente funcional e técnica”.

2002 – Após uma inundação no térreo do bloco de serviço e na quadra em 2001, foi realizada uma reforma que modificou alguns aspectos de acabamento (como pintura), além da modificação de algumas aberturas na parede de cobogós, com inauguração em abril de 2002.

2009 – Segundo consta na documentação, em 2009 foi aprovado um projeto de reforma de todos os sanitários, com modificação de acabamentos, louças e metais.

2010 – Reforma dos vestiários, com modificação de acabamentos e revestimentos.

2012 – Em 2012 consta nos registros o levantamento as *built* do complexo esportivo, além da criação de rotas de emergência exigidas pelo Corpo de Bombeiros.

2019 – A última modificação realizada na obra se iniciou em 2019 e foi entregue em 2023 e, de acordo com BlogLondrina, o objetivo foi:

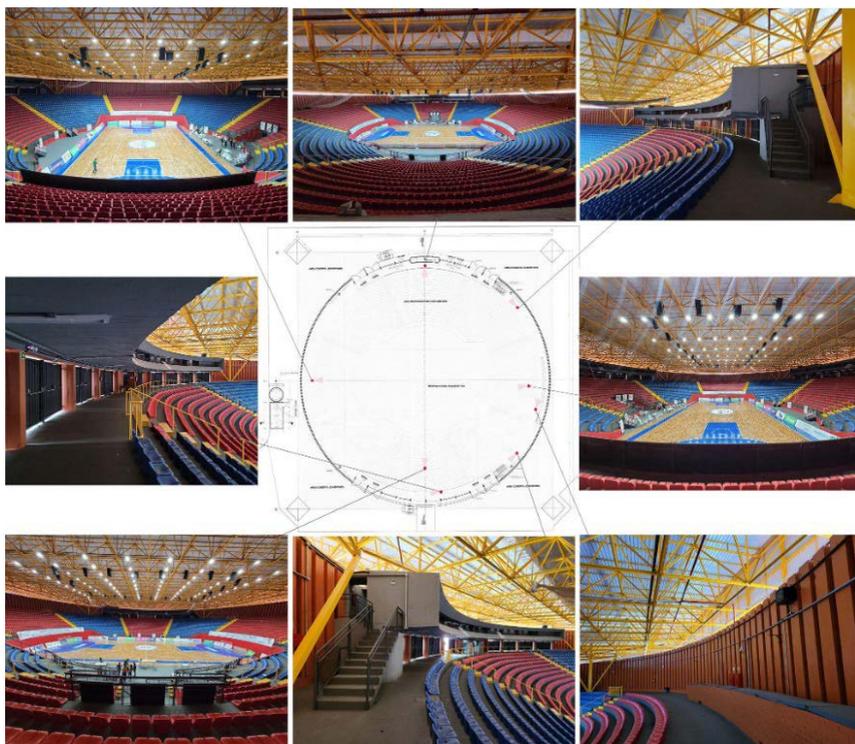
(...) resolver antigos problemas de infiltração, substituir os sistemas hidráulicos e elétricos, renovar o teto e piso do ginásio, que agora é mais moderno e adequado à prática esportiva. A listagem de serviços incluiu, também, reparo da área externa, novo recape asfáltico, além de pintura e limpeza em toda a estrutura.

A área interna do Moringão, que abrange camarotes, salas de imprensa e prédio administrativo, também foi renovada, e foram instalados novos aparelhos de ar-condicionado. Para execução destes e outros serviços, a Prefeitura de Londrina investiu a quantia de R\$ 7.643.443,87, totalizando 44 meses de reforma. (Loredo, 2023).

Em visita ao bem (Fig. 10 e 11), foi possível observar que vários dos elementos originais que caracterizam a obra se mantêm, como as pirâmides, a cobertura metálica, o fechamento em peças de concreto pré-moldado, os cobogós e os taludes. As modificações realizadas são principalmente no tratamento das superfícies, que receberam pintura de cores variadas, e por isso, o uso das cores é um ponto de atenção. Além disso, as diversas modificações na organização interna com complexo deixaram vestígios de características originais, como um exemplar do

banheiro e vestiário, laje com blocos cerâmicos a vista e as divisórias de madeira de um dos camarotes. Outra modificação realizada foi a inserção de um guarda-corpo na parte interna, junto à parede de cobogós, devido a alguns incidentes ocorridos. Apesar de necessário para a segurança, o guarda-corpo interfere na visualização fluida proporcionada pela parede vazada e, dessa forma, ocorre a descaracterização da composição da obra, como observado na Figura 12.

Figura 10- Vistas internas.



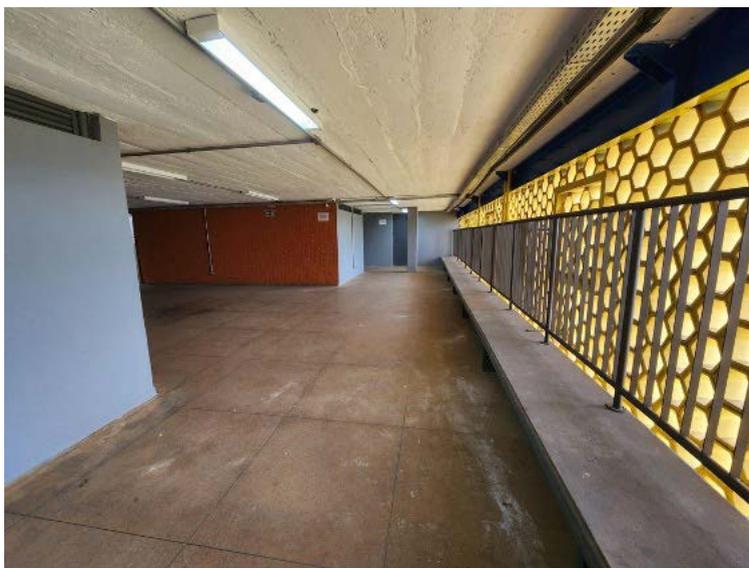
Fonte: Os autores (2023).

Figura 11- Vistas externas do Ginásio.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 12- Guarda corpo inserido na frente do cobogó próximo aos sanitários.



Fonte: Os autores (2023).

Por fim, cabe destacar que desde sua reinauguração em 18 de maio de 2023 o Ginásio é usado constantemente: diversos shows, competições esportivas, eventos culturais e treino de times da cidade já foram realizados, além da retomada da realização de formaturas da UEL (Fig. 13). Esse uso constante demonstra que, mesmo fechado por tanto tempo devido à reforma, o Ginásio não perdeu seu papel de protagonismo na vida esportiva, cultural e social da cidade. Além disso, a utilização e apropriação de um bem cultural é de extrema importância para sua salvaguarda e preservação na via da cidade e na memória da população.

Figura 13- Formatura da Universidade Estadual de Londrina, em 2023.



Fonte: Os autores (2023).

4. CONCLUSÃO

O pedido de tombamento do Ginásio de Esportes Professor Darci Côrtes (Moringão), foi realizado inicialmente na esfera estadual e municipal, em 09 de julho de 2021, pelo Movimento Anticorrupção “Por amor a Londrina” (MPAC- PAL, 2021). O documento destaca a relevância do Ginásio no cenário esportivo da cidade, justificando o pedido “dada a envergadura da obra à época, que é UM MARCO PARA NOSSA ARQUITETURA E ENGENHARIA LOCAL” (MPAC-PAL, 2021, p.01), além de apresentar uma série de imagens da construção e inauguração da obra.

Em 08 de julho de 2022, a Secretaria da Cultura do estado do Paraná, representada por Vinicius Bruni (Chefe de Coordenação do Patrimônio Cultural), envia um relatório de negativa de tombamento em nível estadual (Bruni, 2022). O documento apresenta uma série de argumentos, dentre eles, frisa que “(...) se trata de construção esportiva padrão, com possibilidade de réplica.” (Bruni, 2022, p. 04). Outro ponto levantado pelo documento é a que “o imóvel em questão não traz a arquitetura pretendida, no sentido de contemplação pública, nem técnicas construtivas excepcionais” (Bruni, 2022, p. 07). Além disso, aponta uma possível incompatibilidade entre o uso de praça esportiva com um possível tombamento cultural.

Por fim, o documento aponta que o interesse cultural está em seu valor local, o que resultou em uma solicitação de tombamento em nível municipal, em 14 de julho de 2022, realizada pela mesma organização.

Com relação aos argumentos apresentados pelo relatório estadual, em primeiro lugar cabe destacar os casos do Estádio do Maracanã tombado em nível federal (2000) e municipal (2002) e do Ginásio Ibirapuera, que está em processo de tombamento também na esfera federal (2021) e municipal (2023). Ambos são casos de praças esportivas, que também carecem de manutenção permanente, o que nas discussões atuais sobre salvaguarda de bens tombados não anula os valores culturais e a necessidade de preservação. Destacamos aqui um trecho do parecer federal de tombamento do Maracanã:

O urbanismo e a arquitetura (sobretudo as obras de uso coletivo) têm dimensão simbólica, que ultrapassa os limites dos aspectos utilitários. Mas, poucas vezes, a monumentalidade reúne qualidades simbólicas de caráter democrático. Em geral, as obras monumentais são afirmações de poder sobre o povo. Neste caso, ocorre o contrário. O Maracanã tem a monumentalidade da massa que o utiliza, que ele

representa (...). A dimensão simbólica das grandes obras e dos grandes espaços de uso popular e a manutenção de um nível elevado de qualidade nessas obras e nesses espaços são objetivos culturais relevantes (Iphan, 2017, p. 91).

Os aspectos simbólicos destacados pelo Iphan no caso do Maracanã também estão presentes (reservadas as devidas proporções) no Ginásio Moringão. Como demonstrado, a construção do Ginásio foi um acontecimento marcante na história da cidade. Além disso, o outro argumento do relatório estadual sobre o pedido de tombamento do Moringão, de que a obra seria uma “construção esportiva padrão” pode ser confrontado por todas as características físicas apresentadas neste boletim e, de forma mais completa, no estudo técnico. Fica claro que houve uma intenção estética e um pensamento arquitetônico na organização do espaço, além do emprego de técnicas construtivas bastante inéditas para a época, além das soluções tecnológicas para o sistema de som, iluminação e comunicação.

“Seu projeto e sua construção, no início da década de 1970, são frutos da política do período, e ao mesmo tempo do interesse e de uma necessidade popular de modernização da cidade que incluía grandes modificações urbanísticas.” (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 23). Dessa forma, seus valores históricos e culturais marcam a cidade desde o início da sua construção, em sua inauguração e no decorrer dos anos pelo uso e apropriação praticados pela população londrinense.

REFERÊNCIAS

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da Política em Londrina 1930-1975. Londrina: Ed. UEL, 1998.

BRUNI, Vinicius. Relatório sobre solicitação de tombamento a nível estadual. Governo do Estado do Paraná. julho/2022a.

CADASTRO Imobiliário de Londrina. Prefeitura Municipal de Londrina. **Acervo de documentação imobiliária**. Consulta em julho de 2023.

CASTELNOU, Antonio. **Arquitetura Londrinense**: Expressões de Intenção Pioneira. Londrina: Atrito art, 2002.

Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro. **GINÁSIO DE ESPORTES PROFESSOR DARCI CÔRTEZ - MORINGÃO**. Estudos Patrimoniais Elisa Zanon n. 5, 2024.

ESTADO vai ceder área do Ginásio Moringão a Londrina. **Catve**. 06 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://catve.com/noticia/3/201634/>. Acesso em: 03 ago. 2023.

É HOJE a inauguração. **Folha de Londrina**. 06/10/1972. Acervo NDPH-UEL, Ano 25, n.6212.

GODOY, Teba Yllana. **Três pioneiros da arquitetura londrinense**: Ivan Jekoff- Léo de Judá Barbosa- Luiz Cesar da Silva. 2001. Dissertação (Mestrado)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GODOY, Teba Yllana. MESA 5- RITe. **Youtube**. 18 de dezembro 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CsteXTFpCDg>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural: monumentos, arquitetura, paisagismo, sítios arqueológicos, áreas de terreiros e antigos quilombos**. Nestor Goulart Reis Filho, Anna Elisa Finger, organizadores. Brasília, DF: Iphan, 2017. (Políticas de Preservação, v. 2, t. 2). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/pareceres_conselho_consultivo_patrimonio_cultural_vol2.pdf. Acesso

em: 17 ago. 2023.

LONDRINA. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Londrina.** ASPLAN/S.A., Londrina, 1968. Disponível em: http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/ippul/leis_historicas/1968/plano_diretor_1968.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

LONDRINA. **Lei n.º 4813, de 16 de outubro de 1991.** Acresce parágrafo único ao artigo 1º da lei nº 2.909, de 29 de junho de 1978, que denominou o ginásio de esportes Moringão de “Prof. Darcy Côrtes”. Londrina: Câmara Municipal, 1991. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/l/londrina/lei-ordinaria/1991/481/4813/lei-ordinaria-n-4813-1991-acresce-paragrafo-unico-ao-artigo-1-da-lei-n-2909-de-29-de-junho-de-1978-que-denominou-o-ginasio-de-esportes-moringao-de-prof-darcy-cortes>. Acesso em: 03 ago. 2023.

LOREDO, Sofia. Ginásio Moringão será reaberto nesta quinta-feira (18) após obras de reforma. **Blog.Londrina.** 17 de maio de 2023. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=156258>. Acesso em: 31 jul. 2023.

Movimento AntiCorrupção “Por amor a Londrina” (MPAC-PAL). **Documento de solicitação de tombamento para o Estado do Paraná e município em 09 de Julho de 2021.** 9 de julho de 2021.

MORINGÃO é um gigante mesmo. **Folha de Londrina.** 07/10/1972c. Acervo NDPH-UEL, ano 25, n. 6213.

Museu Histórico de Londrina (MHL). Universidade Estadual de Londrina. **Acervo de fotografias.** Consulta em julho/agosto de 2023.

Núcleo de Documentação e Pesquisa História (NDPH-UEL). Universidade Estadual de Londrina. **Acervo de jornais.** Consulta em agosto de 2023.

PEDRIALI, José Antonio. **Dalton Paranaguá e a construção do futuro.** Londrina: [o autor], 2008.

SUZUKI, Juliana Harumi. Um breve panorama da arquitetura brutalista em Londrina-PR. **Seminário Docomomo Brasil Arquitetura Moderna E Internacional:** conexões brutalistas (1955-75), v. 5, p. 1-14, 2013.

VIEGAS, José Augusto. Moringão sonho realizado. **Folha de Londrina.** 06/10/1972. Acervo NDPH-UEL, Ano 25, n. 6212

5 ASAM

O Museu de Londrina, como tantos outros, conta com a atuação da Asam (Associação Amigos do Museu) para o cuidado deste espaço, desde a conservação predial até a expansão de acervos. A Asam é uma associação jurídica privada, sem qualquer finalidade lucrativa, que objetiva a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico do Museu Padre Carlos Weiss. Com sede e foro na cidade de Londrina/Pr, tem Inscrição Estadual Isenta, CNPJ/MF 01.192.562/0001-47, Utilidade Pública Municipal Lei 10.882 de 24/03/2010 e Utilidade Pública Estadual Lei 12.198, de 15/07/1998. Foi fundada em 18 de maio de 1995. Uma vez que o Museu Histórico se caracteriza como instituição pública, vinculada à Universidade Estadual de Londrina, a Asam, pela sua constituição jurídica e independência é a responsável por captar recursos externos para a manutenção e conservação de acervos e preservação da estrutura predial.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;
 - Título
 - Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
 - Resumo - máximo 50 palavras;
 - Palavras-chave até 6 palavras;
 - Texto com no mínimo 5 e no máximo 10 páginas (Word for Windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm), ou
 - Texto com tema único, no mínimo 30 e no máximo 40 páginas;
 - Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
 - Os textos deverão ser enviados para o e-mail bibmuseu@uel.br, com carta de autorização de publicação anexa ao e-mail.
3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.
4. Nome completo do(s) autor(es) e seus dados em nota de rodapé.
5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir no formato digital JPEG, 300 dpi de resolução, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato Museu Histórico de Londrina
Fone: (43) 3371-1975 | bibmuseu@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Diretoria Acadêmica

Profª Drª Edméia Ribeiro

Secretaria

Edeni Ramos Vilela

Expografia

Amauri Ramos da Silva

Residência

Julia Piovesan

Carlos Eduardo da Silva Carvalho

Design

Marina dos Santos Galli

Equipe

Alex Pereira; Amauri Ramos da Silva; André Luís da Silva;
Mariana Lopes dos Santos Borges; Neiva Lemes Albrecht Batista;
Vanessa Andreia Borela Ferreira

Estagiários

Aghata Monteiro de Oliveira; Daniele Caroline Antunes;
Gabriel Arantes Corrêa; Júlia Oliveira Cebulski; Julia Vitória da Silva;
Marina dos Santos Galli; Mateus Torelli Fidelis; Pedro Henrique Ferreira;
Rafaela Menezes de Moura; Thiago Teixeira Carlos; Vitor Marroni Fortuna

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro, Londrina - PR
CEP 86010-350 |
Tel (43) 3323-0082
museu@uel.br | <https://sites.uel.br/museu/>

Redes Sociais do Museu Histórico de Londrina



[@museuhistoricodelondrina](https://www.instagram.com/museuhistoricodelondrina)



[Facebook Museu Histórico de Londrina](https://www.facebook.com/museuhistoricodelondrina)



[Canal do Youtube do Museu Histórico de Londrina](https://www.youtube.com/canaldomuseuhistoricodelondrina)



<https://www.tiktok.com/@museulondrinamhl>

